

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

3. Que coisa é um irmão?

Responsável EOL: Fabián Schejtman

Participantes: Patricio Álvarez, Marcelo Barros, Gabriela Basz, Natalí Boghossian, Alejandra Eidelberg, Vera Gorali, Gabriela Grinbaum, Haydée Iglesias, Roberto Mazzuca, Kuky Mildiner, Alma Pérez Abella, Enrique Prego, Sohar Ruiz, Nieves Soria, Débora Sznaider, Laura Valcarce

1. Irmão-trauma

1.a. A Coisa, o complexo do próximo e o da intrusão

A *Coisa* é um elemento estranho, mas por sua vez íntimo: “*das Ding* está [...] no centro, no sentido de que está excluído [...] alheio a mim estando, contudo, no meu núcleo”.¹ Localização êxtima² do gozo, mas vinculada já com o complexo do próximo [*Nebenmensch*].³ Este “se separa em dois componentes, um dos quais se impõe por um aparelho constante, se mantém coeso como uma coisa [...] O *Ding* é o elemento que vem a ser isolado na origem pelo sujeito, em sua experiência do *Nebenmensch*, como sendo por sua natureza estranho”.⁴ Lacan retoma assim, em seu *Seminário 7*, a vertente real do irmão-trauma que já se antecipava prematuramente como complexo da intrusão. Em 1938 destacava: “O papel traumatizante do irmão no sentido neutro está [...] constituído pela sua intrusão. O fato e a época da sua aparição determinam a sua significação para o sujeito. A

¹ Lacan, J., (1959-1960), p. 89.

² Cf. *ibidem*, p. 171.

³ Cf. Freud, (1895), p. 377.

⁴ Lacan, J., (1959-1960), p. 67. Cf. também Freud, S., (1895), p. 377.

intrusão parte do recém-chegado para infestar o ocupante”.⁵ Já em 1932, na sua tese de doutorado, a sua elaboração do caso Aimée o aproximava ao irmão-trauma.

1.b. Aimée

Aimée se casa aos vinte e quatro anos e “oito meses depois [...] a irmã mais velha vem morar sob o teto conjugal”.⁶ Durante a sua primeira gestação tem ideias de perseguição. A sua filha nasce morta e imputa a desgraça aos seus inimigos. Um tempo depois nasce o seu filho, Didier Anzieu, instala-se a certeza de que queriam matá-lo e “a irmã impõe a sua direção para criar a criança”.⁷ Tem a ideia de ir aos Estados Unidos, será romancista. A família se opõe. Aimée afirma: “tramaram um complô para arrancar o meu filho [...] fizeram que me encerrassem numa casa de saúde”.⁸ É externada e se translada a Paris. Lá mora sozinha, o seu filho fica com a sua irmã. As suas esperanças de ver publicados os seus romances se frustram: agride a empregada que lhe dá a notícia. Um tempo depois, ataca a atriz Marguerite ex Duflos a qual teria tido a intenção de matar o seu filho. Ela se defende e Aimée lhe faz um corte numa das mãos. A transladam para a prisão, declara-se culpada e o delírio cai. Depois ingressa em Sainte-Anne.

Lacan situa o complexo fraterno como o ponto inicial que servirá a Aimée de base para a substituição das suas perseguidoras: esta serie de mulheres que ocupam o lugar do ideal se inicia com a sua irmã mais velha e se desloca para a sua amiga íntima, C. da N., a Sara Bernard, e finalmente a Z., a atriz Marguerite ex Duflos. “A irmã representa para Aimée [...] a imagem mesma do ser que ela é incapaz de realizar”.⁹ O caráter intrusivo do outro fraterno revela o êxtimo do próprio ser e nesta linha se localizam as suas perseguidoras. “Aimée se resiste em reconhecer na sua irmã a sua inimiga [...] Mas [...] a natureza familiar do laço que a une à sua inimiga mais íntima faz compreensível o desconhecimento sistemático no qual [...] refugiou-se”.¹⁰ Nesse desconhecimento do ódio que experimenta pela sua irmã podemos situar o êxtimo, o mais oculto para ela mesma. Sob os termos de

⁵ *Ibidem*, p. 54.

⁶ Lacan, J., (1932), p. 209.

⁷ *Ibidem*, p. 214.

⁸ *Ibidem*, p.145.

⁹ *Ibidem*, p. 211.

¹⁰ *Ibidem*, p.213.

“inimigo interior”,¹¹ na sua tese, Lacan antecipa o que desenvolverá anos depois servindo-se dos desenvolvimentos de Guiraud. Em “Formulações sobre a causalidade psíquica”,¹² a referência ao *kakon* - espécie de mal interior do qual o sujeito tenta se desprender - possibilita circunscrever as coordenadas da passagem ao ato na Aimée: bate no outro e se agride a si mesma, isto é, batendo na sua própria imagem no espelho aponta a seu ser.

2. Irmão: do trauma ao fantasma

2.a. Inveja, rivalidade e ciúmes. Viragens do gozo

A respeito do complexo de intrusão, Lacan menciona duas posições possíveis para o irmão: abastado e usurpador.¹³ Destaca que os ciúmes representam uma identificação mental. Depois, eles e a inveja são paixões, ainda que de diferente teor. Se a rivalidade é constitutiva e se lê com o imaginário, os ciúmes - irmãos do desejo - supõe a tríade. Em contrapartida, a inveja é diádica e destrutiva. Na relação fraterna se põem em jogo os três e suas marcas ficarão no fantasma. Mas tal dimensão fantasmática já é tramitação do gozo, o que nos conduz a interrogar as viragens do mesmo a partir da confrontação traumática com o real de um irmão. Abordaremos as modificações na economia do gozo em função das duas operações que Freud isola para concebê-los - mudança de afeto e mudança de via -, para chegar depois, com Lacan, a despejar a via que vai do trauma ao fantasma (estável, vacilante ou realizado).

2.b. Mudança de afeto e mudança de via

Sobre a mudança de afeto [*Affektverwandlung*] encontramos várias versões freudianas. No “Manuscrito E”¹⁴ e nos escritos sobre as neuropsicoses de defesa,¹⁵ se produz junto com a defesa: o prazer se torna em desprazer na histeria, em reproche na neurose obsessiva, em

¹¹ *Ibidem*, p. 216.

¹² Cf. Lacan, J., (1946), p. 165.

¹³ Lacan, J., (1938), p. 47.

¹⁴ Cf. Freud, S., (1894^a).

¹⁵ Cf. Freud, S., (1894b) e (1896).

angústia na fobia. Em “A interpretação dos sonhos”¹⁶ transforma-se num elemento que define a repressão. Nos escritos metapsicológicos ocorre no nível da pulsão.¹⁷ Ainda que questionado no caso Schreber,¹⁸ na paranoia o afeto ainda se muda pelo mecanismo de projeção tanto no delírio de perseguição quanto no erotômano. Na mudança de via [Wechsel] é o objeto o que está em jogo: por exemplo, de heterossexual a homossexual ou também, no caso da menina, da ligação mãe-filha para a ligação pai-filha. Assim o define Freud em “Pulsões e destinos de pulsão”:¹⁹ “No curso dos destinos vitais, a pulsão pode sofrer um número qualquer de alterações de via [Wechsel] [...] Um laço particularmente íntimo da pulsão com o objeto se acusa como fixação”. Tanto a mudança de afeto quanto a alteração de via, se produzem a partir de uma contingência vital, que pode estar referida à irrupção de um irmão. Assim se destaca, por exemplo, no Homem dos lobos,²⁰ com a sedução da sua irmã aos três anos que produz a mudança de afeto sádico para masoquista; no Joãozinho,²¹ com a aparição das ereções junto com o nascimento da sua, que produzem a mudança de afeto prazeroso em angústia, motor da sua fobia; e na Jovem homossexual,²² na qual o nascimento do irmão produz uma alteração de via, que fixa a libido a um objeto homossexual.

2.c. Incidências sobre a economia do gozo

Desde a perspectiva de Lacan, o irmão pode supor a emergência de um real que desarma a construção prévia e modifica a articulação entre os registros, com efeitos no nível do fantasma e do gozo. Para a Jovem homossexual,²³ colocada simbolicamente no lugar materno, o real que supõe o nascimento do irmão, frustração imaginária mediante, a conduz à posição masculina: tem o falo e pode dá-lo a outra mulher. Em Dora²⁴ o trânsito é

¹⁶ Freud, S., (1900), p. 593.

¹⁷ Cf. p. ex. Freud, S., (1914).

¹⁸ Cf. Freud, S., (1911).

¹⁹ Cf. Freud, S., (1914).

²⁰ Cf. Freud, S., (1917).

²¹ Cf. Freud, S., (1909).

²² Cf. Freud, S., (1920).

²³ Cf. Lacan, J., (1956-1957).

²⁴ Cf. Freud, S., (1905) e Lacan, J., (1951) e (1956-1957).

inverso: a lembrança encobridora inicial marca a fixação oral do fantasma e inclui a escolha do irmão como objeto amoroso, de onde passa a se identificar com ele, paradigma da identificação viril histórica. Lendo “Batem numa criança”²⁵ Lacan situa a passagem da identificação triangular, simbólica, com o irmão que é batido pelo pai no primeiro tempo do fantasma, à relação imaginária, dual, entre a criança e o pai, que fixa, no segundo tempo, um modo de gozo: ser batido pelo Outro. A fixação fantasmática sustenta-se assim da suposição do gozo do Outro. Em todos estes casos a fixação dessa imagem-real fantasmática acarreta uma modificação na posição de gozo anterior: de heterossexual a homossexual no primeiro, de oral a viril no segundo, de sádico a masoquista no terceiro.

2.d. O irmão e o fantasma: vacilação, restauração, realização

Na abordagem do caso Joãozinho que Lacan realiza em seu *Seminário 4*,²⁶ o surgimento da angústia - que joga por terra o tempo primeiro da felicidade da criança, suportado por sua identificação com o falo materno - é referida à emergência do pênis real - primeiras sensações ligadas à masturbação infantil -, mas o nascimento da sua irmã Ana é fundamental nesse trânsito. Ela é também um elemento do real que faz vacilar a identificação e posição fantasmática inicial da criança que suportava o seu jogo de enganos com a mãe: “Em quanto houver uma irmãzinha [...] as coisas não podem encaixar de forma tão simples”.²⁷ “Ana [...] é o outro termo inassimilável da situação”.²⁸ Questionada desta maneira sua posição fálica, pode-se levantar a pergunta que induz a angústia no sujeito: “já que não sou o teu falo, o que quer de mim?” Abertura ao sem-sentido angustiante do desejo do Outro que motorizará a fobia como medo ao cavalo. Porém na solução que esta supõe, a irmã se recoloca e o fantasma se restaura. De elemento do real, passa a enquadrar-se fantasmaticamente: “Todo o processo dos fantasmas de João consiste em recolocar este elemento intolerável do real no registro imaginário [...] Ana é reintroduzida sob uma forma completamente fantasmática”.²⁹

²⁵ Cf. Freud, S., (1919).

²⁶ Cf. Lacan, J., (1956-1957).

²⁷ Cf. *ibidem*, p. 262.

²⁸ Cf. *ibidem*, p. 370.

²⁹ Cf. *Ibidem*, p. 370.

Em contrapartida com o caso do Joãozinho, pode ser lido o da fobia às galinhas, escrito por Helen Deutsch³⁰ e analisado por Lacan em seu *Seminário 16*.³¹ Destacamos aqui a mutação na posição do sujeito produzida a partir da sedução que sofre por parte do seu irmão mais velho. A diferença com o Joãozinho é notória: vacilação do fantasma no caso freudiano, realização do mesmo no de Deutsch. Se de início o juvenzinho se colocava com agrado como a galinhinha da mamãe, entregando os seus ovinhos fecais, perfeitamente disposto a ser revisado como mais uma das aves de curral, o encontro com o irmão mais velho - que uma tarde o agarra pela cintura e lhe solta esse: “Eu galo, você galinha” - o conduz a extrair todas as consequências da sua primeira posição. O “Eu não quero ser a galinha” é a rebelião subjetiva que conduz à queda da identificação com a galinha e motoriza a fobia que se erige depois. Destacamos que, aqui, esta não vem a responder pela angústia diante do sem-sentido do desejo do Outro, senão que é a certeza do gozo do Outro o que mobiliza a insurreição do narcisismo diante do poder do irmão:³² longe de qualquer vacilação, é a realização do fantasma, com a irrupção do gozo que acarreta - enquadrado, mas insuportável - o que faz girar o caso. A verdade, velada de início, termina revelando-se depois... “irmã do gozo”.³³

2.e. Localizações fantasmáticas em dois testemunhos de passe

Anne Lysy, no seu testemunho,³⁴ destaca que o seu irmão gêmeo produziu nela uma demanda de amor “devorante” dirigida para a sua mãe prematuramente, “competindo com aquele outro... tive a impressão de ser a má”. Quando com quatro anos surge a sua pergunta: por que existem meninas e meninos?, Quis se distinguir do irmão. “O meu pai declarou que as meninas valiam tanto quanto os meninos. Eu decidi que as meninas inclusive valiam mais”. “Menina” foi conotada com um “mais”, que teve consequências sobre a sua vida amorosa. No seu primeiro encontro com o analista, ele lhe perguntou se não achava que tinha roubado ao seu irmão a sua atividade. “Eu zombava dele e inclusive

³⁰ Cf. Deutsch 1930.

³¹ Cf. Lacan, J., (1968-1969), pp. 278-280.

³² Cf. Lacan, J., (1968-1969), p. 279.

³³ Cf. Lacan, J., (1969-1970), cap. IV.

³⁴ Cf. Lyzy, S., (2010), pp. 101-108.

era ligeiramente depreciativa com relação a esse rapaz tão calmo”. Assim, a identificação viril histórica resolve a competição fálica com o irmão dando a ele um roteiro fantasmático que retornará no seu sintoma: o analista destaca o seu nome, a “corredora”, situando o gozo de um ativismo constante, resto daquilo que se iniciou com a competição fálica fraternal.

Anna Aromí³⁵ era a mais velha de cinco irmãos. A sua única irmã mulher morre aos quinze anos quando ela tinha vinte: “o silêncio caiu sobre o seu nome”. Anna faz uma “tentativa de suicídio inconsciente” no volante de um carro. É o que desencadeia o seu primeiro pedido de análise. “As mulheres da minha família se contavam de duas em duas. Duas juntas sustentavam a feminidade. A morte da minha irmã me deixou perneta. Os analistas seriam o *partenaire*- sintoma com o qual tratar essa manqueira”. Fixou o seu nome com um par de enes, “Anna”: “um para minha irmã, outro para mim”. A marca daquela morte instila o seu modo de habitar a feminidade.

2.f. Articulação de semblante e real

Freud analisa o poema de Gilgamesh³⁶ numa carta a Jung³⁷ e encontra nele, o “antiquíssimo motivo do casal de irmãos desiguais”, que se repete na mitologia e na literatura desde tempos remotos. Menciona as histórias de Rômulo e Remo, a dos Dióscuros, e também a de Quixote e Sancho Pança.³⁸ Sempre um deles é mais fraco, morre mais jovem, ou cede com maior facilidade às paixões. No caso dos Dióscuros, um é mortal e o outro imortal. Rômulo mostra uma diferença com Remo que poderíamos comparar com a que existe entre Michael Corleone e o seu irmão Fredo, na saga de Coppola: *O Poderoso Chefão*. Freud vê neste motivo mítico “a relação de um homem com a sua libido”. Dirá que esse irmão mais fraco ou mais selvagem encarna a libido do herói, que está condenada a se perder. Esse irmão gêmeo é a placenta,³⁹ que procede sempre da mesma mãe. Freud destaca que, em *O ramo*

³⁵ Cf. Aromí, A., (2014), pp. 74-77.

³⁶ Gilgamesh é um déspota luxurioso que goza das mulheres pela força. Para limitá-lo, os deuses enviam a Enkidu, um homem selvagem que enfrenta o monarca. O combate, contudo, os irmana numa amizade indissolúvel, juntos empreendem façanhas que desafiam os deuses.

³⁷ Freud, Jung (1906-13), 13/10/1911.

³⁸ Poderiam acrescentar-se à série, com seus matizes, os bíblicos Caim e Abel, Isaac e Ismael, Jacob e Esaú, Moisés e Aarão... a lista continua.

³⁹ Lacan retomou este motivo em seu mito da lâmina (cf. Lacan [1964], p. 204 e segs.).

de ouro de Frazer, lê-se que em muitos povoados primitivos a placenta é nomeada como o irmão ou a irmã. Este “gêmeo” que compartilha com o filho o seio materno, que é alimentado e conservado, não pode durar muito. Nisso, Freud também vê o tema do duplo, cuja aparição é sempre pressagio de que um dos dois deve perecer. Como entender esta referência sobre a placenta? Sob a categoria de um semblante que se toma da natureza, mais que como algo real... ainda que um verdadeiro semblante apresenta uma articulação com o real.

3. Irmão-*sinthome*

3.a. Arco elegante

O trânsito do irmão-coisa-trauma, a sua localização na cena do fantasma, dá conta da natureza mesma deste último: trata-se de um composto, tal como Freud o antecipou ao supor ele soldado⁴⁰ ao gozo autoerótico, o que assegura o adormecimento subjetivo - mais suave ou mais pesadelístico – com a finalidade do princípio do prazer. Tal caráter é o que permitiu a Miller inclui-lo nesse “arco elegante”⁴¹ que enlaça uma série de compostos no ensino de Lacan: a identificação e a imago, o falo, o fantasma e... o *sinthome*. Efetivamente, se não confundimos o *sinthome* com a cara real do sintoma, nem o tornamos produto exclusivo de uma análise levado até o seu término,⁴² ele se deixa abordar como o quis Lacan: quarto elemento que permite que os seus três registros não se vão cada um por seu lado.⁴³ Um irmão pode vir neste lugar.

⁴⁰ Cf. Freud, S., (1905) y (1907).

⁴¹ Cf. Miller, J.-A., (1986-1987), p. 256 e segs.

⁴² Cf. Schejtman, F., (2013).

⁴³ Cf. Lacan, J., (1975-1976), especialmente cap. VI. A continuação, abordamos o *sinthome* em seu sentido mais amplo: na sua função de amarração e reparação, prescindindo da consideração da sua localização no lugar do lapsus do nó ou não.

3.b. James e Stanislaus

James Joyce comporta uma solução singular diante da “*Verwerfung* de fato”, a “demissão paterna” que Lacan lhe supõe.⁴⁴ Com a sua escritura e, especialmente, com a publicação de sua obra, se faz o “Ego corretor”⁴⁵ que repara, enquanto que *sinthome*, o lapsus do nó entre simbólico e real, e impede a fuga do imaginário. O que não exclui a possibilidade de que outros elementos se adicionem reforçando esta solução. Ao ajuste – corporal - que agrega a relação com a sua mulher – l(o)uvável⁴⁶ Nora! –, somamos aqui a função do seu irmão Stanislaus. Três anos mais novo que James, cumpriu um papel importante na sua vida: “James tinha o dom de transformar o material, não de criá-lo e Stanislaus foi a primeira de uma série de pessoas nas quais se apoiou para pegar ideias”.⁴⁷ Foi ele quem lhe sugeriu o título de *Stephen Hero* para a primeira versão do *Retrato do artista quando jovem* e o aconselhou que convertesse o livro num “Fausto irlandês”.⁴⁸ Se para Stanislaus o seu irmão ocupava a função do ideal, James o abordava a partir de uma perspectiva utilitarista bem particular. Se sem consideração afirmava que o seu irmão lhe servia de “pedra de afiar”,⁴⁹ assim que se exilia lhe suplica que se mude a Trieste com ele. Se o degradava, não era menos certo que o precisava. Stanislaus manteve uma “grande autoridade moral”⁵⁰ sobre James, tirando-o das suas bebedeiras nas cervejarias y “mantendo o seu humor e as finanças”.⁵¹ Teve grande participação na produção literária do seu irmão e na gestão sobre as suas publicações. O relacionamento declina quando Stanislaus cai preso durante a primeira guerra mundial e paulatinamente James encontra “outros guardiães da disciplina menos severa”,⁵² o que certifica que o seu irmão “foi uma espécie de modelo das relações de amizade que manteria ao longo da sua vida”.⁵³

⁴⁴ *Ibidem*, p. 86.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 149.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 81-82.

⁴⁷ Joyce, J., (1958), p.13.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 15.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 8.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 13.

⁵¹ *Ibidem*, p. 14.

⁵² *Ibidem*, p. 20.

⁵³ Godoy, C., (2012), p. 262.

Nesta perspectiva é possível dizer que, por mais de duas décadas, o irmão oficiou de guardião e reparador do furo narcisista que padecia James: laço sustentado numa dimensão utilitária⁵⁴ do imaginário, que transformou a Stanislaus numa extensão do seu eu, complemento da sua *sinthome*-Ego. A cadeia em Joyce se torna assim *polireparada*:⁵⁵ a figura do irmão adiciona uma compensação não borromeana que, sem se colocar no lugar do lapsus do nó, senão entre o simbólico e o imaginário, reforça, no nível do semblante, o *sinthome* que o Ego comporta e também aquele outro que constituiu a sua mulher.⁵⁶ Desde a trança pode se dizer como uma “reparação-fio”⁵⁷ que se manteve no tempo: quando a relação fraterna decai, se deixa substituir pelo laço que James manteve com alguns outros que, na sua amizade ou mecenato,⁵⁸ cumpriram uma função análoga à que coube ao seu irmão durante anos.⁵⁹

4. Fraternidades: clássicas e atuais

4.a. A fraternidade interrogada pelo declive da imago paterna

A estabilidade que procura o “composto-irmão”, seja no nível da identificação e da imago, do fantasma ou do *sinthome*, continua na fraternidade generalizada que bem poderia antecipar já desde Freud –com a sua já clássica análise do fenômeno de massas–,⁶⁰ aquele “arco elegante” que faz do irmão uma defesa contra o traumático. Contudo, a fraternidade clássica não é a atual.

⁵⁴ Questão que C. Soler expõe para a sua mulher, Nora. Parece-nos mais pertinente propô-la desse modo para o seu irmão.

⁵⁵ Cf. Schejtman, F., (2013), p. 283 e segs.

⁵⁶ Cf. *Ibidem*, pp. 109-110.

⁵⁷ Cf. *Ibidem*, p. 255 e segs.

⁵⁸ Caberia distinguir este “fio fraterno”, contudo, das relações de Joyce com seus “*alter-ego*” -James Stephens e John Sullivan- cuja função de transitivismo imaginário no nó joyceano destaca muito rigorosamente C. Godoy (2012).

⁵⁹ Outro exemplo de nó fraternal pode ser encontrado na relação entre o célebre pintor Vincent Van Gogh e o seu irmão, quatro anos mais novo, Teodoro, o qual representou um apoio e sustento polifacético na vida de Vincent.

⁶⁰ Cf. Freud, S., (1921).

4.b. Segregação do Outro sexo

No *Seminário 17* Lacan diz que o:

[...] empenho que colocamos em sermos todos irmãos prova evidentemente que não o somos. Inclusive com o nosso irmão consanguíneo, nada nos demonstra que sejamos o seu irmão [...] Só conheço uma origem da fraternidade, é a segregação [...] Trata-se de captar essa função e de saber por que é assim.⁶¹

Encontramos uma resposta para a pergunta que aqui se esboça em “Psicologia das massas e análise do eu”, na qual Freud distingue entre aspirações sexuais diretas e de meta inibida, situando as primeiras como desfavoráveis para a formação da massa. A satisfação que põe em jogo uma mulher como objeto sexual fica excluída de organizações tais como a igreja e o exército. Localiza a segregação em oposição ao amor por uma mulher, diferenciando-o explicitamente do amor homossexual masculino.⁶² Poderia destacar-se assim, que a função da segregação ligada com a irmandade freudiana é a defesa diante da inexistência da relação sexual, que colocaria em jogo a presença feminina. É o que resolvem, com o assassinato da intrusa, os irmãos do conto borgeano,⁶³ cuja versão fílmica dirigida por Christensen interpreta uma erótica homossexual fraterna como defesa diante do feminino. A fraternidade de “Tótem e tabú” é aquela da massa, na que o líder colocado no lugar do ideal do eu, passa a cumprir a função do pai.

Mas, nesta época de franco declive do Nome do Pai cabe a pergunta acerca do estatuto da irmandade nas novas massas carentes de líder definido e de referência ao ideal do eu. A época atual, tal como antecipa Lacan,⁶⁴ é presa de fenômenos crescentes de segregação. Mas esta, que não responde à lógica paterna da igreja e do exército, senão àquela do discurso científico, dá lugar a uma fraternidade? De qual tipo em todo caso?

⁶¹ Lacan, J., (1969-1970), pp. 120-121.

⁶² Cf. Freud, S., (1921), p. 134.

⁶³ Borges, J. L., (1969).

⁶⁴ Cf. Lacan, J., (1967a), p. 22.

4.c. Segregação da diferença

No *Seminário 19* encontramos uma orientação: “o que cresce, que ainda não vimos até as suas últimas consequências, e que arraiga no corpo, na fraternidade do corpo, é o racismo”.⁶⁵ O racismo como fraternidade do corpo, enraizada no imaginário, parece prescindir da referência à ordem simbólica resultado da lógica edípica, podendo elucidar-se unicamente a partir da prevalência do objeto *a*. Assim, a diferença dos efeitos de segregação do feminino, próprios da irmandade da massa, aqueles da época atual respondem, na verdade, ao que Miller e Laurent qualificaram como “feminização da civilização contemporânea”.⁶⁶ É a irmandade do fundamentalismo, a que dá lugar ao “desvario do nosso gozo”.⁶⁷ Incidência da lógica feminina da inexistência da exceção paterna que, no lugar de se articular com a lógica fálica dando lugar ao não-todo, se dirige para um para-todos absoluto. Na passagem para a hipermodernidade, a segregação se agudiza produzindo novas formas de exclusão daquilo radicalmente Outro: “processo disciplinário dos corpos, mais sutil e penetrante que a clássica bipartição entre normalização e exclusão, entre um dentro normatizado e um fora da norma. As sociedades globalizadas produzem neo-segregações nas quais as populações encontram um via de nomeação e uma identidade de gozo em torno a uma identificação ou a uma posição genérica”.⁶⁸ Estas formas de segregação representam uma alternativa imaginária a respeito das modalidades tradicionais. A irmandade do corpo é a irmandade de gozo tramitada pelo imaginário, sem referência à função do ideal do eu, ligada com o Nome do Pai. O resultado não é já a segregação do feminino, senão aquela da diferença enquanto tal, incluída a sexual. Em consequência, na prática analítica com o sujeito segregado das novas fraternidades, deverá prevalecer uma orientação que abra uma dialética entre a função da exceção e o sem exceção da lógica feminina, introduzindo a perspectiva do não-todo: colocará em relevo uma singularidade irreduzível, para além de toda pretensão universalizante.

⁶⁵ Lacan, J., (1971-1972), p. 231.

⁶⁶ Miller, J.-A., (1996-1997), III, V y XVIII.

⁶⁷ Lacan, J., (1973), p. 112.

⁶⁸ Cosenza, D., (2017).

5. Irmão-otredade

5.a. O psicanalista-irmão-Outro

Qual *partenaire* deverá então um psicanalista para esse sujeito segregado das novas fraternidades? Poderá acaso ser considerado o seu irmão? Que não surpreenda, já que Lacan não se privou de considerar o analista irmão do analisante.⁶⁹ Que nessa ocasião suporte tal afirmação do fato de “ser filhos do discurso” – o analítico para o caso – não impede sustentar que reintroduzindo o não-todo, um psicanalista encarna a Otredade como tal. Retorna aqui, então, o real da função do irmão, mas agora, já não sob os auspícios do real pulsional, senão do real dessa Otredade.⁷⁰

5.b. A irmã de Jacques

Com cinco anos, Jacques Lacan ouve a sua irmã Madeleine, dois anos e meio mais nova, proferir um “*Manène* sabe”. Mais de sete décadas depois, o recorda, em seu vigésimo quarto seminário.⁷¹ O que tinha se declarado dois meses antes “histérico perfeito”,⁷² mas distanciado da histórica por unificar o seu inconsciente, não com a armadura do amor ao pai, senão com a sua... consciência! – repúdio da abordagem esférica do descobrimento freudiano: o inconsciente é extimidade e o touro lhe cai melhor que qualquer “fazer-se” [*se-faire/sphère*] –, encontra agora a origem da tal unificação neste laço fraterno com o feminino – não é a mesma coisa uma irmã que um irmão! – no encontro com uma – pequena e feminina – consciência que, longe de ser um “eu sei”, supõe uma “vontade de não mudar”, que se aproxima do saber absoluto – o qual, longe de qualquer hegelianismo – é apontado como saber... no real.⁷³

Pois bem, pode ser ele reduzido ao “princípio do que poderíamos chamar o delírio de Lacan com as mulheres” como o desliza Miller em *O ultimíssimo Lacan*,⁷⁴ ainda quando agregue que não avançou nesse sentido posto que resultou-lhe “de uma dificuldade prodigiosa” ou

⁶⁹ Cf. Lacan, J., (1971-1972), p. 230.

⁷⁰ Cf. o modo em que Lacan distingue esses dois reais em sua “Respuesta a Marcel Ritter” (Lacan 1975).

⁷¹ Cf. Lacan, J., (1976-1977), 15-2-77.

⁷² Cf. *Ibidem*, 14-12-76.

⁷³ Cf. *Ibidem*, 15-2-77

⁷⁴ Cf. Miller, J.-A., (2006-2007), p. 229-230.

que nunca o considerou propriamente um delírio, mas sim “uma pequena indução”? Ou melhor veremos nisso, para um menino, no encontro precoce com o feminino que uma irmã propõe, a possibilidade da abertura a essa Otredade absoluta do enxame de Uns proferindo-se no real, esse conjunto aberto que comporta um inconsciente que, feminino, é já *o um-equívoco* [*l'une-bévue*], aquele que pode lhe permitir abrir asas para a morra, quando não para o amor [*s'aile à mourre / c'est l'amour*]? É que se uma mulher só pode ter inconsciente (*homossexuado*) “de onde é toda, ou seja, de onde a vê o homem”,⁷⁵ quiçá ele só possa errar o seu empuxo *homo* no seu encontro com ela: lá onde *o um-equívoco* consegue “reduzir o *sinthome*”,⁷⁶ “perturbar a sua defesa”.⁷⁷

Tal é a via que uma irmã, encarnação dessa Otredade real que o fraterno também comporta, nos abre sobre o final deste trabalho. Efetivamente, fica aberto.

Tradução: Eva Arenas

Bibliografia

- Aromí, A. (2014): “Romperse la cabeza”. En *Revista Lacaniana de Psicoanálisis*, n° 16, Grama, Buenos Aires, 2014.
- Borges, J. L. (1969), “La intrusa”. En *Obras completas*, Emecé, Buenos Aires, 1989, t. I.
- Cosenza, D. (2017): “Sobre la segregación inclusiva”. Inédito.
- Deutsch, H. (1930), “Un caso de fobia a las gallinas”. En Schejtman, F. (comp.), *Elaboraciones lacanianas sobre la neurosis*, Grama, Buenos Aires, 2012.
- Ellman, R. (1982): *James Joyce*, Anagrama, Barcelona, 1991.
- Freud, S. (1894a): “Manuscrito E”. En *Obras Completas*, Amorrortu, Buenos Aires, 1986, t. I.
- Freud, S. (1894b): “Las neuropsicosis de defensa”. En *Obras Completas*, op. cit., t. III.
- Freud, S. (1895): “Proyecto de Psicología”. En *Obras Completas*, op. cit., t. I.
- Freud, S. (1896): “Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa”. En *Obras Completas*, op. cit., t. III.
- Freud, S. (1900): “La interpretación de los sueños”. En *Obras Completas*, op. cit., t. V.

⁷⁵ Cf. Lacan, J., (1972-1973), p. 119.

⁷⁶ Cf. Lacan, J., (1976-1977), 15-2-77.

⁷⁷ Cf. Lacan, J., (1976-1977), 11-1-77.

- Freud, S. (1905): "Fragmento de análisis de un caso de histeria". en *Obras Completas*, op. cit., t. VII.
- Freud, S. & Jung, C. (1906-13): *Correspondencia*, Trotta, Madrid, 2012.
- Freud, S. (1907): "Las fantasías histéricas y su relación con la bisexualidad". en *Obras Completas*, op. cit., t. VII.
- Freud, S. (1909): "Análisis de una fobia de un niño de cinco años". en *Obras Completas*, op. cit., t. X.
- Freud, S. (1911): "Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente". En *Obras Completas*, op. cit., t. XII.
- Freud, S. (1913): "Tótem y tabú". En *Obras Completas*, op. cit., t. XIII.
- Freud, S. (1915): "Pulsiones y destinos de pulsión". En *Obras Completas*, op. cit., t. XIV.
- Freud, S. (1917), "De la historia de una neurosis infantil". En *Obras Completas*, op. cit., t. XVII.
- Freud, S. (1920): "Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina". En *Obras Completas*, op. cit., t. XVIII.
- Freud, S. (1921): "Psicología de las masas y análisis del yo". En *Obras completas*, op. cit., t. XVIII.
- Godoy, C. (2011): "Los artificios de James Joyce". En Schejtman, F. (comp.) *Elaboraciones lacanianas sobre la psicosis*, Grama, Buenos Aires, 2012.
- Joyce, S. (1958): *Mi Hermano James Joyce*, Adriana Hidalgo Editora, Buenos Aires, 2000.
- Lacan, J. (1932): *De la psicosis paranoica en sus relaciones con la personalidad*, México, Siglo XXI, 1998.
- Lacan, J. (1938): "Los complejos familiares en la formación del individuo". En *Otros escritos*, Paidós, Buenos Aires, 2012.
- Lacan, J. (1946): "Acerca de la causalidad psíquica". En *Escritos I*, México, Siglo XXI, 1984.
- Lacan, J. (1951): "Intervención sobre la transferencia". En *Escritos I*, op. cit.
- Lacan, J. (1956-1957): *El seminario. Libro 4: La relación de objeto*, Paidós, Buenos Aires, 1994.
- Lacan, J. (1959-1960): *El seminario. Libro 7: La ética del psicoanálisis*, Paidós, Buenos Aires, 1988.
- Lacan, J. (1962-1963): *El seminario. Libro 10: La angustia*, Paidós, Buenos Aires, 2006.
- Lacan, J. (1964): *El seminario. Libro 11: Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, Paidós, Buenos Aires, 1986.
- Lacan, J. (1967a): "Proposición del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la escuela". En *Momentos cruciales de la experiencia analítica*, Manantial, Buenos Aires, 1987.
- Lacan, J. (1967b): "Pequeño discurso a los psiquiatras", 10-11-67, inédito.
- Lacan, J. (1968-1969): *El seminario. Libro 16: De otro al otro*, Paidós, Buenos Aires, 2008.

- Lacan, J. (1969-1970): *El seminario. Libro 17: El reverso del psicoanálisis*, Paidós, Buenos Aires, 1992.
- Lacan, J. (1971-1972) *El seminario. Libro 19: ...o peor*, Paidós, Buenos Aires, 2012.
- Lacan, J. (1972-1973): *El seminario. Libro 20: Aun*, Paidós, Barcelona, 1981.
- Lacan, J. (1973): “Televisión”. En *Psicoanálisis, radiofonía y televisión*, Anagrama, Barcelona, 1980.
- Lacan, J. (1975): “Respuesta a una pregunta de Marcel Ritter”, 26-1-75. En *Suplemento de las notas*, EFBA, Buenos Aires, 1980.
- Lacan, J. (1975-1976): *El seminario. Libro 23: El sinthome*, Paidós, Buenos Aires, 2006.
- Lacan, J. (1976-1977): *El seminario. Libro 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, inédito.
- Laurent, E. (2016): *El reverso de la biopolítica*, Grama, Buenos Aires, 2016.
- Lysy, A. (2010): “¡Hay que hacerlo!” En *Revista Lacaniana de Psicoanálisis*, n° 10, Grama, Buenos Aires, 2010.
- Miller, J.-A. (1986-1987): *Los signos del goce, Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller*, Paidós, Buenos Aires, 1998.
- Miller, J.-A. (1996-1997): *El Otro que no existe y sus comités de ética. Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller*, Paidós, Buenos Aires, 2005.
- Miller, J.-A. (2006-2007): *El ultimísimo Lacan. Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller*, Paidós, Buenos Aires, 2014.
- Schejtman, F. (2007): “Capitalismo y anorexias: discursos y fórmulas”. En *Ancla. Psicoanálisis y Psicopatología*, n° 1, Buenos Aires, 2007.
- Schejtman (2012): *Sinthome. Ensayos de clínica psicoanalítica nodal*, Grama, Buenos Aires, 2013.
- Sinatra, E. (2010): *¡Por fin HOMBRES al fin!*, Grama, Buenos Aires, 2010.
- Soler, C. (2009): *La Querrela de los Diagnósticos*, Letra Viva, Buenos Aires, 2009.
- Soria, N. (2004): “La segregación del Otro sexo”. En *Memorias de las XI Jornadas de Investigación de la Facultad de Psicología de la UBA*, t. III, Buenos Aires, 2004.